

A Psicanálise e a clínica contemporânea¹

Psychoanalysis and the Contemporary clinic

Luís Claudio Figueiredo²

“A verdadeira novidade é aquilo que não envelhece, apesar do tempo”
As irmãs Munakata de Yasujiro Ozu

Resumo: No presente artigo é esboçada uma forma de compreensão da história e das condições atuais da prática clínica psicanalítica a partir das quais se sugerem rumos para a produção teórica. Basicamente, é proposta uma política de superação da era das escolas e de atravessamento dos paradigmas que forçaram os psicanalistas, durante décadas, a opções exclusivas: pulsão ou relação de objeto; desamparo e dependência ou desejo; fantasia ou trauma; conflito ou déficit; intrapsíquico ou intersubjetivo? Sugere-se a adoção da lógica paradoxal, substituindo o *ou* pelo *e* em nossas formulações, a mantendo a psicanálise aberta à criação e à invenção permanente.

Abstract: In this article an outline is drawn to understand the history and current conditions of clinical psychoanalytic practice from which directions are suggested for the theoretical production. Basically, it proposes a policy to overcome the era of schools and crossing paradigms that forced the psychoanalysts, for decades, to exclusive choices: pulsion or object relationship; derelicts and dependence or desire, fantasy and trauma, conflict or deficit; intrapsychic or intersubjective? The adoption of the logic of paradox is suggested, replacing it *or* for *and* in our formulations, to keep psychoanalysis open to creation and permanent invention.

Palavras-chave: Clínica Contemporânea. História da Psicanálise. Paradigmas em Psicanálise. Teoria Psicanalítica. Doutrinas Psicanalíticas.

Keywords: Contemporary Clinic. Psychoanalysis History. Paradigms in Psychoanalysis. Psychoanalytic Theory. Psychoanalytic Doctrines.

A novidade da psicanálise contemporânea.

¹ Conferência apresentada na VIII Jornada Bianual do Contemporâneo: “A Fragilidade do Símbolo: aspectos sociais, subjetivos e clínicos”. Porto Alegre, agosto de 2008.

² Luís Claudio Figueiredo é Psicanalista, Livre Docente do Instituto de Psicologia da USP e Professor da PUC-SP. Endereço para correspondência: lclaudio@netpoint.com.br

André Green, perguntado sobre o que havia de novo em psicanálise, respondeu: Freud. A esta resposta jocosa e, não obstante, muito verdadeira, poderíamos acrescentar a lista dos grandes pensadores e praticantes da psicanálise que marcaram as diversas tradições em que o movimento psicanalítico se repartiu desde a década de 40. Décadas depois de mortos, continuam a ser o que de novo existe, desde que os saibamos ler.

A ‘era das escolas’, que felizmente se extinguiu ao longo dos últimos vinte ou trinta anos, com exceção de alguns grupos lacanianos que continuaram insistindo na segregação³, impôs limites às possibilidades de leitura de todo este extraordinário acervo de experiências e conceitos. Por exemplo, kleinianos liam apenas Klein e outros seguidores de Klein. E assim por diante. Muitas vezes, os psicanalistas liam seus autores de referência e descartavam-se de Freud, como de uma velharia. Hoje sabemos: os chamados pós-freudianos não fazem sombra a Freud; ao contrário, trazem novas luzes a partir das quais Freud se renova e volta a nos poder oferecer novidades preciosas. Da mesma forma, é possível e necessário ler os grandes nomes da psicanálise – Melanie Klein, Bion, Balint, Winnicott, Lacan, Kohut e alguns outros – uns a partir dos demais, e todos a partir de alguns analistas contemporâneos que construíram suas obras originais no cruzamento das diversas tradições, como Ogden, Ferro, Bolas, Fédida, César e Sarah Botella, Roussillon e, sobretudo, André Green. Tais autores, com os quais nos sentimos mais afinados, nos permitem entender a ‘novidade freudiana’ enunciada pelo psicanalista francês⁴ e estender a mesma apreciação aos grandes pensadores que floresceram durante os trinta ou quarenta anos posteriores à morte de Freud em 39.

A autoria de Freud, na verdade, os inclui, bem como nos inclui. Foucault já, há muito tempo, em plena era das escolas, havia percebido a complexidade da herança freudiana. Freud (assim como Marx) é visto por ele como um “fundador de discursividade”, instaurador de um campo de diferenciações possíveis. Não se trata de ele ter sido apenas o autor dos inúmeros e variados trabalhos que compõem os 24 volumes de suas obras completas pela *Standard Edition*. Diz Foucault (1969): “Estes autores [Freud e Marx] têm isso de particular: não são apenas autores de suas obras e de seus livros.

³ Muitos leitores de Lacan, ao contrário, participam de Sociedades pluralistas e tiram proveito da inserção no movimento psicanalítico mundial.

⁴ Nascido no Egito, mas com sua formação solidamente enraizada nas tradições da psicanálise francesa.

Produziram algo a mais: a possibilidade e a regra fundamental para a formação de outros textos". Criaram, enfim, um horizonte de experiências a ser explorado em variadas direções e compreendido de diferentes ângulos. Todos os textos emanados destes horizontes, escritos por tantos psicanalistas em tantos contextos culturais e épocas diversos, em resposta a tantos problemas clínicos e teóricos diferentes serão reconhecidos como psicanalíticos e mesmo 'freudianos' no sentido amplo do termo. Assim sendo, a própria dispersão dos discursos e das práticas psicanalíticas depois de Freud (e já iniciada durante sua vida com Ferenczi e Melanie Klein) faz parte do legado freudiano.

Indo além: não apenas os chamados pós-freudianos participam da obra de Freud por serem seus herdeiros e projetarem seu método e conceitos em novas áreas e problemas, como Freud passa a ser ele mesmo um *pós-freudiano*, pois hoje cabe lê-lo a partir dos que vieram depois, assim como – e isto é óbvio para quem se dedica exclusivamente à leitura de seus escritos – a produção tardia de Freud não apenas decorre da anterior como oferece pontos de vista importantes para ler e ressignificar o que veio antes. Assim é a temporalidade operante nas produções psíquicas e culturais, tal como concebida pela psicanálise, e que não poderia faltar na própria apreensão da produção psicanalítica. É esta temporalidade que dá sentido à sentença colocada como epígrafe: “A verdadeira novidade é aquilo que não envelhece, apesar do tempo”. O tempo, em sua dimensão criativa, cria também o passado e o renova, *a posteriori*.

O momento atual do movimento psicanalítico.

Desde a década de 80, com algumas antecipações ainda mais antigas, pode-se dizer que era das escolas entrou em crise. Sempre houve analistas resistentes às filiações dogmáticas, haja vista a forte presença na Sociedade Britânica do Terceiro grupo, o Grupo Independente, criado pelos que não aceitavam a pressão para tomarem partido entre freudianos e kleinianos. Psicanalistas de primeiro plano e vasto reconhecimento, como Balint e Winnicott, e outros menos conhecidos, mas de alta qualidade, como Ella Sharpe, Marjorie Brierly, seguiram esta direção. No entanto, as décadas de 40 e 50 vêem nascer as grandes cismas entre freudianos (os *Ego Psychologists*, vienenses radicados em New York), kleinianos em Londres e, logo em seguida (década de 50), lacanianos em Paris. A partir daí, surgem novas escolas, como a *Self Psychology* de Kohut (Chicago), em franca

oposição à *Ego Psychology* de Hartmann. O reduto kleiniano, igualmente, foi palco de uma cisão quando um dos kleinianos mais originais se separa, sai de Londres, vai para San Francisco e começa a investir em um pensamento clínico e teórico muito original, Wilfred Bion.

É indiscutível que nas décadas em que o movimento psicanalítico assistiu ao nascimento das escolas e em que foi atravessado pelas disputas, a psicanálise avançou e conquistou terrenos. As disputas e, mesmo um certo fechamento, potencialmente dogmático, propiciaram elaborações extraordinariamente fecundas dentro de cada uma e de todas as correntes. A era das escolas teve, evidentemente, seu momento de glória, sua razão de ser. Mesmo hoje, analistas identificados a uma escola, mas já beneficiados por sua abertura a outras vozes, oferecem contribuições originais. É o caso, por exemplo, de Ronald Britton e John Steiner, entre os kleinianos de Londres.

Em certos ambientes, como o Brasil, *todas* as escolas tiveram seus adeptos e seguidores. Aliás, aqui também Wilfred Bion veio a se tornar ‘chefe de escola’ contribuindo na década de 80, tardia e involuntariamente, para a intensificação do espírito sectário entre nós. De forma ainda mais estranha, involuntária e particularmente anacrônica, assistiu-se à formação (também entre nós) de uma ‘escola winnicottiana’⁵.

Contudo, desde meados da década de 70, ganhando alguma força na seguinte e vindo à tona com muito ímpeto nos anos 90, a superação da era das escolas estava em marcha, o que, por sinal, tornava mais perniciosos (e ridículos) os movimentos seccionistas que brotaram em São Paulo, seja o bioniano seja, mais ainda, o winnicottiano.

Na verdade, o que de mais interessante já aparecia nos últimos anos do século XX, em todos os lugares importantes do Ocidente em que a produção da psicanálise é significativa, eram as perspectivas inter e trans-escolares.

Isso se manifestou por diversas vias. De um lado, houve a procura de um ‘terreno comum’ à Babel psicanalítica: seriam conceitos e procedimentos de aceitação irrestrita entre os psicanalistas de distintas procedências (WALLERSTEIN, 2002). Estas tentativas foram sempre criticadas – e criticáveis – pois as escolhas que faziam do *common ground* revelavam os vieses de cada ‘unificador’ e não conseguiam, de fato, oferecer uma base

⁵ Felizmente, no último *Encontro Latino-Americano sobre o pensamento de Winnicott* (2008), realizado pela SBPSP, prevaleceu a psicanálise, vale dizer, analistas das mais variadas orientações estavam presentes e se pronunciando.

comum que contemplasse de forma equânime todas as correntes. Mais importante: ao definir o suposto *common ground* não se elucidava o que era especificamente psicanalítico e terapêutico, confundindo-se o mais freqüente nos hábitos das comunidades com o mais essencial. As ‘modas’ acabavam assim ocupando um lugar teoricamente injustificado. A menos que, após identificar um elemento constante em todas as correntes, se abrisse uma discussão acerca das diversas acepções do termo supostamente unificador das teorias e das práticas clínicas. É o que aconteceu, por exemplo, no excelente trabalho de René Roussillon, apresentado no Congresso da IPA de 2007, em torno da ‘perlaboração’, a elaboração psíquica em suas diferentes modalidades. (ROUSSILLON, 2008).

De outro lado, houve a procura de um ‘método’ capaz de definir, aí sim, o essencial da psicanálise de tal forma que as diferenças e divergências conceituais pudessem perder seu sentido, ou até permanecer, mas sem maiores conseqüências para a formação ou para o exercício da psicanálise. Esta foi a obra de uma vida inteira de Fabio Herrmann (1979). É discutível, contudo, se ao fim e ao cabo, se criava uma espécie de ‘redução’ da psicanálise ao seu mínimo denominador comum⁶, ou se criava mais uma linguagem, melhor dizendo, mais um dialeto, ou jargão, e, portanto, mais uma escola, a chamada “teorias dos campos”, que deixava de fora elementos importantes da clínica e do pensamento psicanalítico contemporâneo e tendia a afastar quase todos os psicanalistas que não falam a nova linguagem.

Em contrapartida, das alternativas inter ou trans-escolares, as que mais nos interessam são as que propõem e praticam *o atravessamento dos paradigmas*, o que ocorre junto ao que se poderia chamar de *reabilitação dos ‘analistas marginais’*, os que nunca se acomodaram nas escolas institucionalizadas mesmo quando elas eram dominantes. Além dos analistas da Sociedade Britânica organizados no Grupo Independente, autores como Hans Loewald e Harold Searles, nos Estados Unidos, e Pierre Fédida na França, entre outros, passam a merecer mais destaque. O que é notável em tais empreendimentos é que não se criam novas escolas. Aliás, cada um destes autores produz obras originais e, de certa forma, incomparáveis. Eles conquistam respeito na comunidade sem se arvoreem em líderes de grupos, facções ou arraias. Na França dos dias de hoje o supracitado René Roussillon é um ótimo exemplo desta postura.

⁶ O conceito de “redução” é usado a partir do contexto do sentido fenomenológico.

Ao falarmos em *atravessamento de paradigmas*, estamos assinalando que algumas velhas separações e oposições, vigentes no plano das teorias, são vigorosamente desfeitas e transpostas nas novas perspectivas. Por exemplo, criam-se pensamentos e estilos clínicos que fazem justiça à *pulsão*, e às *relações de objeto*; que levam em conta, de um lado, *desamparo e dependência original*, e, de outro, *desejo*; que pensam em termos de *conflito*, e de *déficit*; que investigam as dimensões da *fantasia*, e do *trauma*, vale dizer, dão atenção ao *intrapsíquico*, e ao *intersubjetivo*. A partícula *e* no lugar do *ou* aponta para o caráter complexo e paradoxal assumido pelas teorizações e estilos que então se forjam, desconstruindo as velhas oposições paradigmáticas.

Desde então, cultivar o *psicanalítico* não se confunde com a prática de uma linguagem, de um dialeto, menos ainda, com a adesão a um sistema doutrinário. Trata-se de acolher o desproporcional, o atemporal, o irredutível, o trágico e o *paradoxal* como aspectos decisivos dos nossos ‘objetos’, para assim pensá-los e elaborá-los. Deste modo, o caráter paradoxal dos objetos se transfere para nossas teorias e para nossas práticas.

As demandas e condições da clínica contemporânea

As novidades na forma de teorizar e praticar psicanálise respondem em grande medida aos novos limites, externos e internos, para a chamada ‘clínica padrão’. Esta clínica era a clínica tornada canônica no atendimento de pacientes neuróticos e adultos em meados do século XX, base do processo de treinamento e formação do psicanalista.

Começamos mencionando as condições e o clima sócio-cultural. Chamamos a atenção para o regime *administrativo* de vida e sociabilidade vigente e suas dimensões: a velocidade, a eficiência, o cálculo, a cosmética, a des-mentalização farmacológica, e a ojeriza generalizada aos sofrimentos correspondem a ‘ataques ao psíquico’, ataques às mediações simbólicas, uma ruína programada das subjetividades e da capacidade do sujeito viver, experimentar, processar e elaborar experiências. O que Fédida (2002) chamara de ‘depressividade’ – a capacidade de acolher, articular e elaborar a experiência emocional, regulando as intensidade afetivas, e subjetivando-as, transformando-as em sentido – vem sendo metodicamente destruído nas condições atuais de sociabilidade que, nesta medida, mostram-se intrinsecamente antagônicas ao pensamento e à prática da psicanálise. Criam-se, assim, as novas faces da *resistência à psicanálise* e aos processos

de simbolização e subjetivação que esta promove, tenta promover e, em certa medida, pressupõe. O paciente ideal para a psicanálise, tal como concebida e praticada por Freud já dispunha dos elementos básicos desta depressividade e é isso que parece andar em falta na produção cultural subjetiva da atualidade.

Por outro lado, há também novas vias de subjetivação (e não apenas de destruição da subjetividade), baseadas, por exemplo em novas condições tecnológicas: referimo-nos às novas tecnologias da informação e comunicação, e da simulação, cujos efeitos subjetivantes mal começam a ser estudados.

De um modo ou de outro, os desafios à psicanálise proliferam a partir destas variáveis macro-sociais.

Mas o mais importante a considerar são os desafios oriundos dos novos limites internos para a clínica padrão: os novos contextos e inserções do analista.

Os consultórios se abriram para novos visitantes: as chamadas ‘novas psicopatologias’ que incluem o amplo espectro dos não-neuróticos (GREEN, 2003).

São as *patologias do self*, os *transtornos no campo das relações de objeto*, os *transtornos no campo da pulsionalidade*, e os *problemas nos ‘processos terciários’ de simbolização* (ou seja, as falhas nas cadeias de mediação entre processos primários e processos secundários).

Em acréscimo, indo além do consultório (*la psychanalyse hors mur*, ou clínica ampliada), o psicanalista muitas vezes é chamado a exercer a psicanálise fora dos enquadres tradicionais para os quais foi treinado. Na verdade, trata-se de uma convocação nebulosa pois quem o chama não costuma saber muito bem para que um psicanalista pode ser útil, sendo que este próprio muitas vezes alimenta as mesmas dúvidas.

É diante destes novos desafios e destas novas demandas que se manifestam as exigências teóricas para as quais os psicanalistas pós-escolares – inter ou trans-escolares – tiveram de prestar atenção, sentindo-se então obrigados a se libertarem das amarras escolásticas e dogmáticas.

Neste contexto trans-escolar, cabe, de início, uma discussão do método: como conceber os processos de análise e suas metas e objetivos? No bojo desta discussão, cumpre reavaliar conceitual e praticamente os problemas relativos ao enquadre e à posição do analista (basicamente, a ética da psicanálise); também a função analítica – talvez, *as*

funções do analista em suas diferentes modalidades, correlativas às novas demandas e condições (vale dizer, as técnicas da psicanálise) – exigem uma reconsideração. Finalmente, é preciso rediscutir as conexões da psicanálise com outras atividades de cuidado, posto que, frequentemente, o psicanalista é convocado a atuar em colaboração multi-profissional. Mais do que isso, boa parte do que um analista pode hoje oferecer traduz-se na sua capacidade de lançar mão da psicanálise para a interpretação de fenômenos e processos psíquicos intra e intersubjetivos de interesse de todos e, em especial, de interesse para outros agentes de cuidado nos campos da saúde, da educação e da ação social. Isso nos conduz no rumo de uma *teoria geral do cuidar* de base psicanalítica. Justamente, na elaboração de um esboço para tal teoria, é indispensável a superação das velhas oposições – o *atravessamento dos paradigmas* tal como apontado acima.

Assim praticando, pensando e elaborando, os psicanalistas da era pós-escolas engajam-se, cada um à sua maneira, com seu estilo e seus resultados próprios, na tarefa de *reinvenção da psicanálise*. É uma tarefa que se coloca em franca oposição à doutrinação defensiva, muito comum no apogeu da era das escolas, em que a reafirmação das ‘verdades’ era prioritária para marcar a pertinência e a filiação e se dava quase que exclusivamente pela repetição de clichês e pelo uso de jargões de circulação corrente dentro da comunidade a que o psicanalista prestava obediência.

Neste novo contexto faz plenamente sentido a distinção (FÉDIDA, 1970) entre *teoria* e *doutrina*. A teoria é entendida como dispositivo de contato com alteridade, descoberta e transformação, regulada pelo *ideal do eu* e pelo reconhecimento da finitude e do limite; é a ‘abertura’ daí decorrente que garante o não-saber como oportunidade para aprender e transformar-se. Na *doutrina*, ao contrário, prevalecem a onipotência e o fechamento narcisista e defensivo: aqui rege o *eu ideal* (projetado no Mestre, na Escola e em sua ideologia) e domina o dogmatismo. O ‘saber’ torna-se um instrumento eficaz para [...] ignorar e resistir, adquirindo o estatuto do que Bion (1962, p. 63) chamou de $-K$, a insistência em não compreender ou compreender mal (*misunderstanding*).

No contexto atual, o que se espera e procura é que a psicanálise, retomada incessantemente e reinventada a cada dia, volte e venha a ser “a novidade que não envelhece apesar do tempo”, na contramão do desejo de não-saber que se expressa na

transformação da teoria em doutrina.

REFERÊNCIAS

BION, W. R. **Learning from the experience**. London: Jason Aronson, 1962.

FÉDIDA, P. “Topiques de la théorie” . In : **L’Absence**. Paris : Gallimard, 1970.

FÉDIDA, P. **Dos benefícios da depressão**. São Paulo: Escuta, 2002.

FOUCAULT. “Q’est-ce q’un auteur?” **Dits et Écrits I**. Paris : Gallimard, 1969.

GREEN, A. **Idées directrice pour une psychanalyse contemporaine**. Paris: PUF, 2003.

ROUSSILLON, R. Perlaboration et ses modèles. **Revue française de Psychanalyse**, v. 3, p. 855-867. 2008.

WALLERSTEIN, R. S. The trajectory of psychoanalysis. **International Journal of psychoanalysis**, v. 83, n. 1247. 2002.